

VILÉM FLUSSER

Na última aula procurei fixar de um modo geral a forma de ser dos instrumentos que nos cercam. Procurei mostrar que esses instrumentos são resultados de uma manipulação das coisas da natureza, de uma manipulação que é, por sua vez, resultado do projeto existencial que caracteriza o Ocidente. Tentei argumentar que esse projeto existencial está em vias de esgotar-se e que essa decadência é tornada óbvia pelos nossos instrumentos. Embora resultados de manipulação, voltam essas coisas manipuladas a condicionar nos. Voltam, portanto, a constituir uma natureza de segundo grau, contra a qual somos chamados a afirmar nos. A tecnologia como natureza de segundo grau é uma prova vivencial da decadência do Ocidente. Nela a história do Ocidente se fecha em círculo e volta para o seu ponto de partida. Os leões das cavernas ficam substituídos pelos elevadores, os mamutes pelas máquinas escavadoras, e o trovão pela bomba atômica, mas o clima existencial volta a ser o mesmo clima de terror ante a natureza dentro da qual estamos jogados. É verdade que elevador, máquina escavadora e bomba não têm o mesmo grau de realidade do leão, do mamute e do trovão, já que por eles não transparece o sacro, mas a teoria, e que o nosso terror não é mais primitivo. Mas essa falta de primitividade é justamente sintoma do esgotamento do nosso projeto. Voltamos ao ponto de partida, mas voltamos esgotados. Quero dedicar a presente aula à discussão de um instrumento para demonstrar esse esgotamento, e para iluminar a situação atual dentro da qual nos encontramos. O instrumento que pretendo discutir é a meu ver o mais característico e o mais poderoso dentre os que perfazem o nosso ambiente. Refiro-me ao livro. É portanto a ontologia e a axiologia do livro que será o tema desta aula, e servirá, assim o espero, como ilustração da decadência do projeto do Ocidente.

O projeto do livro ocidental, o protótipo mítico do livro, é o tijolo. O sacro, o fundamento inefável da realidade, aparece, nesse mito, como símbolos cuneiformes impressos sobre tijolos. O hálito do Divino imprime-se, em símbolos cuneiformes, sobre o barro mesopotâmico para revelar-se. O livro é a revelação da Divindade em forma de tijolo. O autor do livro é Deus. As bibliotecas que os nossos arqueólogos estão desenterrando das colinas mesopotâmicas já representam formas tardias do livro mítico do qual estou falando. Mas não resta dúvida que esses tijolos estavam carregados de uma tensão sacral. Eram guardados em templos. Como deve ter sido poderosa essa carga sacral, podemos ainda vislumbrar através da Bíblia, desse herdeiro tardio do tijolo. A própria arca na qual eram guardadas as taboas da lei, esses dois tijolos fundamentais da tradição ocidental, essa arca fulminava quem dela se aproximava. O mito da torre de Babel não pode ser compreendido fora do contexto do mito do tijolo. A torre consistia de tijolos, isto é de livros. É pela torre que a humanidade deveria alcançar os céus, porque a torre era a suma biblioteca. A confusão das línguas, que frustrou a construção da torre, prova como o problema da língua, isto é do texto do livro, pervade o mito da torre. Existe, desde o início, uma ambivalência na força sacral que se escconde no livro, e essa ambivalência é característica de todo instrumento. O instrumento é resultado de uma manipulação divina. Um deus é o primeiro autor de todo instrumento. Mas o instrumento é também uma arma que foi confiada pelo deus ao homem, para poder combater a divindade. O deus que cria o protótipo do instrumento é um traidor da divindade. O mito de Prometeu deve ser compreendido neste contexto. O autor do livro protótipo é um deus. Na nossa tradição é Ele o Deus dos judeus. Mas esse livro é uma arma do homem contra Deus. A torre de Babel é uma ilustração de como o livro pode ser utilizado contra a Divindade.

As duas taboas da lei são o livro projeto da nossa civilização, e o mito de Sinai ilustra a sua função dentro do projeto existencial que nos serve de base. Moisés, esse primeiro escritor, escreveu o primeiro livro no cume de uma montanha. Em situação extrema e distanciada portanto. Ao escrever o livro, sentiu que uma força estranha conduzia a sua mão que cizelava os símbolos cuneiformes sobre a rocha. (A rocha é, obviamente, uma forma de tijolo). O verdadeiro autor era Deus. Tão poderosa era a inspiração, que raios saíam da cabeça de Moisés qual chifres, depois de escrita a obra. Moisés é o protótipo do escritor na civilização do Ocidente. Quando desceu com as duas taboas sagradas, quando resolveu de publicar seu livro, (para falarmos modernamente)

VILÉM FLUSSER

o choque entre o sacro e o profano se estabeleceu. Quebrou, tomado de ira, as taboas sacras. O mito ensina que o choque do livro com o público quebra a livro. Mas mesmo assim conserva o livro rachado um poder numinoso sobre a massa dos seus leitores. Transforma a tribo dos judeus em povo do livro. O livro continua sendo a revelação do sacro. O livro é portanto o instrumento central da tradição do Ocidente. Incontáveis são as tentativas de interpretar essa força numinosa do livro. No Islã é o livro identificado com Deus, e o Alcorão tem no Islã uma função paralela ao do Cristo no cristianismo. Esse paralelismo é facilmente explicável pelos mitos do Ocidente.

Adão é uma forma de barro informada por Deus. É ele, no fundo, um tijolo inscrito por Deus. Adão é um livro. Por Adão Deus aparece em forma de barro. É por isto que o mito diz que Adão foi feito à semelhança de Deus. O Alcorão, que é o livro protótipo, é como Adão. É assim que compreenderemos porque o Alcorão pode ser vivenciado como Filho de Deus. Não quero me aprofundar mais nesses aspectos misteriosos do livro. Tenho certeza que uma análise do conceito "logos" como filho de deus reforçaria o meu argumento. Creio que já consegui provar o que pretendia. O livro como projeto existencial, como protótipo mítico, é um instrumento que revela o fundamento sacral da realidade.

Posso imaginar uma história do Ocidente do ponto de vista do livro. Seria a história da decadência da força sacral do livro. Não posso infelizmente entrar nos pormenores desse processo de profanação, mas sei que os senhores podem seguir o meu pensamento. Quem conhece palimpsestos, sabe do amor e da reverência que o livro inspirava na Idade Média, e o tesouro que a posse de um livro representava. Cada letra do texto era vivenciada como uma janela para o terreno do sacro. As letras iniciais dos capítulos eram iluminados para elevar o espírito e facilitar o contacto com o sacro. Copiar um livro era tarefa para uma vida inteira, e o monje a ela dedicada ganhava, graças a essa tarefa, a ventura eterna. As bibliotecas dos mosteiros eram lugares sacros. O manusear de um livro era um ato ritual e festivo. Livros eram fechados com cadeados, como convém aos fenômenos que encerram segredos. Mas não precisamos recorrer até a Idade Média para captar algo da sacralidade do livro. Mesmo depois do Renascimento, portanto depois da invenção da imprensa, uma aura de sacralidade, ou pelo menos de seriedade, rodava o livro. Tinha-se deferência ante a palavra impressa. Lia-se com cuidado. O livro deixou, durante a Idade moderna, de transmitir a sensação do sacro, mas continuava a transmitir a sensação da elevação do cotidiano. Ler era uma atividade elevada, e o escritor era um homem elevado, embora não mais profeta ou santo.

Tudo isto mudou na atualidade. O progresso da tecnologia transformou inteiramente o fenômeno do livro. A democratização, (que é um sinónimo meliorativo da profanação), inundou a cena da atualidade de torrentes de papel barrato coberto de tinta. O livro transformou-se, de tijolo sacro e de palimpsesto precioso, em revista de quadrinhos, em jornal da tarde, e em seleções do Readers' Digest. As nossas mentes nadam nessa torrente de papel, e estão totalmente condicionadas por ela. Devoramos papel sem cessar, e somos incapazes de digerir mesmo uma parte ínfima daquilo que devoramos. É esta nossa incapacidade é uma bênção, porque a imensa maioria daquilo que lemos é intragável. E aqueles entre nós que são autores de livros, e procuram se-lo ainda num sentido arcaico, isto é um pouco mais próximo do significado mítico do livro, sentem como o seu esforço anacrónico se dilui na correnteza rápida do papel impresso.

O progresso da tecnologia não se dá por satisfeito com a profanação total do livro. Resta ainda um último resíduo de sacralidade no livro, e o esforço de desmitização procura superar esse resto. Já podemos vislumbrar uma época na qual toda leitura será superada: As crianças apreenderão aquilo que precisamos apreender para poder funcionar dentro da engrenagem da sociedade por meio do método subliminar, isto é apreenderão dormindo. Revistas e jornais serão substituídos pelo cinema e pela televisão, já que a leitura requer um certo esforço. A literatura científica e técnica, da qual depende a continuação da nossa sociedade, será transposta sobre fichas de máquinas eletrônicas e formará assim a memória dessas máquinas, para futuro uso. Dentro dessas máquinas ela se ampliará e aperfeiçoará automaticamente. As chamadas "belas letras" parecem condenadas à morte, e aliás já se está falando da morte do romance. O único tipo de livro que possivelmente se conservará será a pornografia, pelo menos até a humanidade ter perdido a arte do alfabeto, desse anacronismo.

VILÉM FLUSSER

Considerem a evolução do livro no contexto do nosso argumento. A existência humana está lançada em meio de um conjunto de seres que chamamos "mundo". Esse mundo obstroi o avanço da existência e barra o seu caminho. A existência se choca contra o mundo, porque contra ele está sendo projetada. Esse projeto da existência contra o mundo dá forma, "Gestalt", ao mundo. Nesse projeto o mundo assume a forma de conjunto de coisas. As coisas são aquilo que barra o caminho da existência em seu projeto. O choque com as coisas provoca a sensação da angústia na existência, e essa angústia pode ser superada somente depois de superadas as coisas. As coisas são superadas pela existência, quando esta põe o seu estampo sobre as coisas, transformando-as em instrumentos. O tipo de choque que a existência sofre contra o mundo é pre-formulado pelo projeto que impele a existência, e esse projeto é um conjunto de mitos. As nossas existências como ocidentais chocam-se contra o mundo de uma maneira preformulada pelos nossos mitos. O Ocidente é um tipo de projeto. Esse projeto fez com que os nossos antepassados se tenham encontrado dentro de um mundo específico, um mundo cujas coisas eram objetos. Um dentre esses objetos era chamado "barro". Contra esse barro os nossos antepassados se chocaram. Procuraram superar esse obstáculo transformando o barro em tijolos. O projeto mítico que impulsionou os nossos antepassados fez com que esses tijolos sejam um testemunho da nossa passagem pelo barro. Os tijolos eram os instrumentos dos nossos antepassados. Não obstavam mais o seu progresso, mas, pelo contrário, abrigavam os nossos antepassados. O barro transformado em tijolos tinha a marca do projeto de acordo com o qual os nossos antepassados existiam. Um dos mitos centrais desse tipo de existência fez com que os tijolos fossem livros virtuais, e os nossos antepassados realizaram essa virtualidade. Os livros tijolos eram a realização desse mito. Era por isto que esses livros eram revelações do sacro, porque revelavam o mito que propulsionava as existências dos nossos antepassados. Os nossos antepassados escreviam livros para realizar-se, e, ao se realizarem, realjavam o escondido que os propulsionava. O livro era portanto uma articulação da realidade. Pelo livro tornava-se livre a existência do mundo que a tinha condicionado.

O livro tal com o conhecemos atualmente é resultado de um processo milenar de aperfeiçoamento da manipulação do barro. Mas em dado ponto desse processo essa manipulação sofreu como que uma reviravolta. No curso dos milênios tornou-se progressivamente menos significativo o livro, e a sua carga sacral tornou-se progressivamente menos poderosa. Mas no ponto de reviravolta o livro deixou de ser instrumento, para voltar a ser coisa. Doravante o livro não mais nos libera, mas volta a condicionar nos. Os jornais da tarde e as revistas em quadrinhos são, falando ontologicamente, o que o barro era para os nossos antepassados. Somos lançados como existências em meio de um mundo que consiste, entre outras coisas, de jornais e revistas. Jornais e revistas participam da quele tipo de ser que nos angustia. Estamos exatamente na mesma situação existencial, na qual se encontravam os sumérios ao meio do barro. Temos exatamente a mesma espécie de escolha. Podemos entregar nos aos jornais e as revistas, e condicionados por eles, decair rumo à morte. Ou podemos procurar superá-los. Nisto reside a nossa autenticidade.

Na última aula tivemos uma discussão um tanto estéril quanto a possibilidade dessa superação e quanto a direção, na qual uma tal superação pode ser tentada. É por isto que escolhi o exemplo do livro, porque nesse exemplo posso falar-lhes um pouco da minha própria tentativa. Como os senhores sabem, eu escrevo livros e colaboro em jornais e revistas. Sinto portanto na minha própria carne este aspecto da autenticidade. Não posso infelizmente afirmar que resolvi o problema, mas posso dizer que procuro resolvê-lo, e que este é um dos temas principais da minha vida. Talvez sirvam portanto as minhas experiências de ilustrações do problema, embora de ilustrações muito modestas.

A minha primeira reação contra a torrente de papel que se derrama sobre nós para condicionar-nos era a de uma participação ativa. Achava, talvez ingenuamente, que simplesmente não era possível permitir que essas ondas de informações e solicitações me arrastem sem que me defenda contra elas. Aceitei o melhor que pude o seu desafio. Comecei a escrever respostas. Mas senti uma certa reserva mental de publicar aquilo que tinha escrito. Chamarei de pudor ou de vergonha aquilo que me freitava. Agora sei definir melhor aquilo que me freitava.

VILÉM FLUSSER

Era o receio de se transformarem as minhas respostas em mais algumas gotas a alimentar a correnteza do papel impresso. Mas simultaneamente sentia que, não ato de escrever, a minha existência se realizava de uma forma mais imediata que em todas as demais atividades das quais tenho conhecimento. Sentia, sem poder justificar-lo intelectualmente, que o escrever dava significado à minha vida, e que portanto era pelo escrever que eu estava em contacto com aquela realidade que me tinha lançado. Mas notei uma coisa curiosa. O vibrar dessa realidade, tão forte em mim, era fraco naquilo que escrevia, quando o relia. Era como se a força da realidade se tenha diluído ao ser transposta no papel, embora algo dela se tenha conservado. Resolvi, para salvar esse resto, superar a minha vergonha e tentar publicar o escrito. Devo confessar que essa resolução era também motivada por uma espécie de exibicionismo, e que publicar é sempre, a meu ver, uma falta de vergonha. Quando li o que tinha sido impresso, a sensação da diluição da realidade se fortaleceu. Sentí como se os meus artigos fossem quase inteiramente afastados daquela realidade que me tinha propulsionado, e também como se tivessem sido escritos por outro. O meu receio inicial parecia ter se confirmado. Os meus artigos não passavam de mais uns papéis impressos a participar das ondas que nos arrastam. Escrever e publicar me parecia portanto, nestes momentos terríveis de recolhimento, como suma inautenticidade.

Mas, graças a Deus, esta sensação de frustração e de nojo de si mesmo não é a história toda. Sentia, algumas raras vezes, que aquilo que escrevia e publicava, embora parte da correnteza de papel, não nadava na direção mestra da correnteza. Eram como que pequenas gotas que procuravam, desesperadas, a nadar contra a correnteza. Algo me dizia, embora de maneira muito duvidosa, que aquilo que eu estou escrevendo não contribui para o progresso da profanação do livro. Ao mesmo tempo não creio, honestamente, que seja reacionária a maneira como escrevo. Pelo contrário creio que a minha maneira de escrever faz parte daquela tentativa de superar a profanação do livro que é o nosso problema. Muitas vezes duvido da veracidade daquilo que lhes estou tentando dizer agora. Mas muitas vezes sinto que mesmo que fracasse nessa minha tentativa, ela é a única forma pela qual me posso afirmar como existência contra as coisas. Dirão os senhores que é absurdo o que estou fazendo. Escrevo para superar o escrever, faço livros para superar livros. Concordo, mas não dizer que escrevo de uma maneira como a maioria não escreve, e que faço livros que são diferentes da maioria dos livros. Assim tateando, e talvez lutando em posto perdido, procuro contribuir para a salvação da nossa civilização ameaçada. É aproximadamente o que tinha em mente na discussão da última sexta-feira.

Não posso imaginar como seria uma nova sensação sacral do livro. Certamente não será o livro que vislumbro aquilo que era na Idade média, nem muito menos aquilo que era no tempo dos tijolos. Será um fenómeno novo, porque será um novo instrumento. Será resultado de uma abertura da existência contra a literatura tal como ela se apresenta atualmente, e não uma abertura contra a natureza. Kafka, Joyce, e Guimarães Rosa são tres exemplos que me ocorrem para apontar a direção que vislumbro. Não serão best sellers estes livros novos, e não serão passíveis de catalogação na literatura da atualidade. Serão hieráticos e hermeticos, serão algo que Hesse chamaria de "jogos com contas de vidro". Mas serão, isto sim, reaproximações do mito do tijolo. Porque não podemos fugir desse mito. O livro novo, tal como o vislumbro, será um livro velho neste sentido. Superará a profanidade da literatura atual ao tomar contacto com o fundamento sacral e mítico do nosso projeto. Não será escrito em caracteres cuneiformes, mas talvez em símbolos de lógica formal, mas não obstante será mais próximo de Hammurabi que de Jorge Amado.

Não sei se conseguí transmitir-lhes um pouco daquilo que tenho em mente. Talvez falhei redondamente, porque falar do futuro é tarefa quase impossível. Em todo caso é nesta direção que se me afigura ainda como aberto o nosso projeto. É nessa direção que creio estar localizada a nossa autenticidade. Não aceitar do nosso mundo como desafio, e não como dado. Não opôr-se a esse mundo, e não no render-se a ele. Na procura de superar a tecnologia nojenta que nos cerca, e não na tentativa de goza-la, nem na tentativa de nega-la.